

Ainda sobre o Domingo da Alegria – III Domingo do Advento

Desde a semana passada (II semana do Advento) até esta (III semana do Advento) que o tema **conversão** é a palavra-chave. E é uma pena, uma questão para reflexão, quando estragamos as palavras. E, especialmente, as palavras boas. E esta palavra, **conversão**, é uma dessas palavras boas. Ficaríamos aqui muito tempo a falar sobre palavras boas estragadas no nosso caminho do discipulado de Jesus de Nazaré (inferno, mar, milagre, encarnação, etc.). Mas isso fica para outra ocasião. Hoje vamos “desembrulhar” a palavra **conversão**.

E à **conversão** pode (embora não deva) associar-se a cor roxa, muito roxinha. Até os paramentos, neste tempo litúrgico, não ajudam a uma boa compreensão desta palavra.

Ensaieiros algumas reflexões sobre esta palavra(tema), à procura de clarear o roxo.

1. O problema surge logo que começamos a olhar para a **conversão** como um ato, um processo, em que eu sou quase tudo: por exemplo: tenho de **me** converter, assim dizemos. Mas, não devemos ir por aí. A lógica da conversão no NT não é essa. Nós temos de prepararmo-nos para Alguém que nos converte. Mas, infelizmente, não é assim que, habitualmente, pensamos. Usamos uma linguagem autorreferencial. Sou eu que decido e continuo a pensar na conversão voltada para o meu *ego*. Esta proposta de **conversão** tem uma lógica. E não é a melhor!. Quase nos associamos ao que nos dizem os livros de autoajuda: *se eu acreditar muito, muito... vai acontecer;*
2. Entendemos, também, habitualmente, a **conversão** como um caminho para eu me tornar outro (a), ser outro (a) diferente e melhor. Pouco, quase nada, nos encaminha para a conversão a Outro. Àquele que veio mudar o mundo;
3. Ainda uma outra dimensão. Colocamos o conteúdo da **conversão** diante de um dever, de uma obrigação moral – eu devia, eu não devia ser assim (que não é mais do que uma linguagem pagã) -, ou de uma ameaça ou de um castigo (e não saímos de uma linguagem judaica, linguagem da Antiga Aliança).

Mas, a verdade é que, na experiência e no coração do cristianismo, a **conversão** é um dinamismo, uma correspondência a uma Boa Notícia que nos visita e nos deve levar a convertermo-nos a essa Boa Notícia. Estamos perante uma radical mudança de lógica. E o Ano Litúrgico até está preparado para nos ajudar. São sinais que muitas vezes não lemos. A meio do Advento (III Domingo) e a meio da Quaresma (IV Domingo), os dois períodos pré-brancos (a caminho do Natal e a caminho da Páscoa), como que o roxo dos paramentos litúrgicos se mancha de branco e converte o roxo em rosa. É uma simbólica cheia de sentido. Caminhamos no Advento e na Quaresma em função dos dois mistérios fundamentais para a vivência do cristianismo – a encarnação e a ressurreição.

Portanto, não vivamos a **conversão** como um aperto, uma tensão, capaz de nos pôr “roxos”. A rajada de branco que invade o roxo do III Domingo do Advento e o IV Domingo da Quaresma é um sinal para o caminho do povo de Deus, um caminho de escuta e em conversão Àquele que é (deve ser) a nossa luz. Não, nunca deve ser um processo que me leve a ficar roxo até que eu me converta.

O Natal entra pelo Advento adentro e dá isto!

A Páscoa entra pela Quaresma adentro e dá isto!

Tudo isto para que a gente cristã, cada qual, tu e eu não nos confundamos....

E o caminho que fazemos deve ser nesta lógica que é diferente da lógica de João Batista. Para João Batista a **conversão** dos pré-Jesus, tem uma lógica de estabelecer as condições para que o Senhor venha e venha por bem, não venha ameaçador e castigador, capaz de nos punir “na outra vida”.

Mas, quando Aquele que Vem, veio mesmo, quando Jesus de Nazaré veio, disse: o Reino de Deus chegou. O anúncio de Jesus foi que o Rei veio, chegou. **Converti-vos**, entrai nesta lógica nova, fiai-vos na Boa Notícia. Saltamos da Antiga Aliança para a Nova Aliança. João Batista é o último profeta da Antiga Aliança e entende a conversão como condição preparatória para que, Aquele que Vem, venha por bem, não nos encontre impreparados e nos “castigue”. No Evangelho de Mateus, João Batista ainda parece mais radical – o machado já está junto da árvore ...

Mas, Jesus de Nazaré abre-nos a uma Nova Aliança e anuncia-nos a graça, a gratuidade, dessa vinda plenamente amorosa, à qual podemos converter-nos. É esta a melhor tradução da palavra conversão. É uma mudança radical à qual somos convidados a aderir. Mas, muitos irmãos cristãos ainda ficam e continuam na lógica da Antiga Aliança. Dos púlpitos de muitas das nossas igrejas, falam muito mais *Joões* que *Jesuses* e quando falam sobre a **conversão**. E, não nos esqueçamos, estamos na Igreja de Jesus. Não nos admiremos de ainda termos um cristianismo muito roxo, roxinho!! Gente quase sufocada!!!

Um convite:

Percebamos a reviravolta que se operou na lógica da conversão com Jesus de Nazaré, aquele a quem aderimos no dia do Batismo. Não me tenho de converter a mim, mas tenho de me converter a Ele.

Ir até às origens faz-nos sempre bem. Quer à origem das palavras, quer do sentido que elas têm. E não basta dizer. Ok, agora percebi. Não! Não! Isto não é “coisa” de perceber, é “coisa” de viver. E, sempre, em comunidade, como discípulos do Mestre. Só juntos fazemos caminho....

Como toda esta lógica tem sentido, ontem como hoje quando se fala em sinodalidade.... É preciso ajuda de uns aos outros.... É preciso caminhar, uns com os outros, juntos.... Caso contrário... caso contrário....

(Texto livre a partir de homilia do Padre Rui Santiago no III Domingo do Advento de 2021. Toda a responsabilidade deste texto é, obviamente, do coordenador da equipa de leitores de Vilar de Andorinho)

Ajudar o advento da alegria

Muitas vezes, se acusou o Cristianismo de glorificar o sofrimento e de adiar a alegria para o céu. Quando se faz da cruz o símbolo do Cristianismo, esquece-se, muitas vezes, que Jesus nunca quis a cruz, nunca desejou o sofrimento. Pelo contrário, passou a vida a “descrucificar” as pessoas.



Frei Bento Domingues O.P.

12 de dezembro de 2021 - Jornal Público

1. Há exortações e exortações. Algumas parecem tão exageradas que exprimem mais o desejo de quem as faz do que a possibilidade de poderem ser levadas a sério pelos seus destinatários. A Missa deste Domingo começa com um imperativo impossível: *alegrai-vos sempre!* Parece uma exortação inútil, como se alguém estivesse triste porque queria. Aliás, o mesmo S. Paulo também faz outra exortação ainda mais inútil: *alegrai-vos com os que se alegram e chorai com os que choram*[1]. No entanto, a exortação que deu o nome ao 3.º Domingo do Advento, ao alegrai-vos sempre, acrescenta: no *Senhor*, isto é, no Ressuscitado, alma do Domingo para se tornar alma de toda a semana. É este o próprio fundamento do movimento cristão, com modalidades diferentes, segundo os tempos e lugares.

Quem faz uma exortação não espera colocar as pessoas fora da história que é sempre uma mistura de bem e mal, de alegria e tristeza, de sofrimento e alívio. Com os seus escritos, S. Paulo não faz exercícios de psicologia voluntarista. Ele parte de convicções cristãs alicerçadas no Espírito que o move e recorda, aos seus destinatários, que são habitados não por um espírito de derrota, mas pelo Espírito que, em todas as situações, nos lembra não apenas que o mundo geme em dores de parto, mas que não estamos órfãos, irremediavelmente perdidos. No meio das maiores tragédias, é esse Espírito que nos lembra que Deus não é sim e não. É um sim de um amor indestrutível e, por isso, nos permite clamar *Abba Pai*[2].

Com isto não digo que Paulo pretende substituir as ciências humanas por exortações teológicas. Pelo contrário, estas são uma convocatória de todas as capacidades humanas e de algo que as excede.

Muitas vezes, se acusou o Cristianismo de ser uma glorificação do sofrimento, do sacrifício e de adiar a alegria e a felicidade para o céu. Seria com o sofrimento neste mundo que se ganharia o direito à felicidade eterna. Quando se faz da cruz o símbolo do Cristianismo, esquece-se, muitas vezes, o essencial. Jesus nunca quis a cruz, nunca desejou o sofrimento. Pelo contrário, passou a vida a “descrucificar” as pessoas que eram vítimas de doença, de discriminação, de desprezo, de todas as formas de sofrimento e de marginalização. S. João poderá dizer que *Jesus veio para que todos tenham vida e vida em abundância*[3]. Se perdeu a vida foi por nunca abdicar desta sua missão libertadora, a verdadeira vontade de Deus, vontade de um Deus mal servido por muitas expressões sacrificiais da religião do Antigo Testamento. Quando se diz que Jesus aceitou a morte para cumprir a vontade de Deus, é o supremo insulto a Jesus Cristo e ao seu Deus. Essa expressão deve ser classificada como blasfêmia. A vontade criadora e recriadora de Deus é de nunca se desistir da alegria. É por isso que a cruz só pode ser símbolo do Cristianismo mediante a Ressurreição, o triunfo sobre a cruz, sobre a morte. A primeira e última palavras pertencem à alegria.

2. Quando, na conjuntura actual, muitas vozes decretam a irremediável derrota da Igreja, importa saber de que igreja se está a falar. A mim, apetece-me dizer: *alegremo-nos!* E porquê? Acabou o falso triunfalismo das falsas expressões da Igreja.

Quem ler o manifesto do pontificado do Papa Francisco verifica uma fidelidade espantosa. Excede sempre o prometido. Parece-me que está a atingir um ponto decisivo, sem retorno possível

Quando Bergoglio aceitou ser o Papa Francisco (de Assis), foi depois da renúncia de Bento XVI que se sentiu incapaz de enfrentar as reformas que se impunham. À medida que foi descobrindo a situação real do Vaticano,

não caiu em depressão, como seria normal. Tomou consciência das urgentes tarefas cristãs que tinha de realizar. A referência fundamental não eram as suas capacidades nem os seus desejos. Não estava centrado no seu ego nem na vontade de poder. Estava centrado na *Alegria do Evangelho*, como mostrou no manifesto do seu pontificado: *Evangelii Gaudium*. Foi há oito anos e não aconteceu o que, muitas vezes, ocorre num governo que começa com muita generosidade e que, ao longo do tempo, vai esquecendo os seus compromissos. Quem ler o citado manifesto verifica uma fidelidade espantosa. Excede sempre o prometido.

Parece-me que, neste momento, está a atingir um ponto decisivo sem retorno possível ao passado, salvo ao passado das próprias *fontes cristãs*, nas quais, bebe um renovado impulso do Espírito. Quero dizer porquê.

A reforma da Igreja, uma *Igreja outra*, ao serviço de um *mundo outro*, não será obra de um Papa iluminado nem do sínodo de todos os bispos católicos. Tem de ser obra de toda a Igreja, conduzida pelo Espírito de Cristo, com a participação de todos os baptizados, de todos os que assumem a sua cidadania cristã. Exige a escuta da sociedade, a escuta das outras Igrejas cristãs, das outras religiões e dos sem religião, mas que desejam que a *Casa Comum* seja mesmo comum e que não se contentam com o mundo que temos de desigualdades abissais. Esta movimentação está em curso, mediante o Sínodo de toda a Igreja e que reclama uma participação activa, um passar a palavra, alargando a informação acerca das experiências múltiplas que estão a ser vividas, de uma forma ainda muito insipiente.

3. O Papa Francisco, ao lançar esse movimento, não foi para férias. Intensificou o que tem sido o percurso de oito anos de uma pessoa que já não é uma criança nem tem saúde de ferro.

Da sua peregrinação mais recente, a Chipre e à Grécia, já é possível documentar-se acerca de tudo o que aconteceu. Basta seguir o *site* do Vaticano. Não conhecemos ainda os frutos desse esforço, mas a forma como continuou a associar as relações entre ortodoxos e católicos revela, para lá das diferenças, uma grande comunhão inter-ecclesial e um esforço conjunto para encarar as questões humanitárias e políticas, segundo as exigências do Evangelho. Foi um advento de alegria para o qual todos contribuíram, todos ajudaram e, sobretudo, a forma sincera como pediu perdão.

Na viagem de regresso a Roma, ao responder aos jornalistas, insistiu nos perigos dos populismos e das ameaças à democracia que se nota em muitos lugares. Quis também pedir perdão “por todas as divisões que existem entre os cristãos, mas sobretudo por aquelas que provocamos nós, católicos”. Por último pediu perdão “(*este veio-me do coração!*) pelo escândalo do drama dos migrantes, pelo escândalo de tantas vidas afogadas no mar”.

Esta foi a peregrinação apostólica mais recente, mas revelou que, por ele, está pronto a ir a Moscovo ou, para se encontrar com o Patriarca Kirill, seja onde for. “Para conversar com um irmão, não há protocolos. Irmão é irmão, antes de todos os protocolos. E eu com o irmão ortodoxo – seja Kirill, Crysostomos ou Ieronymos, é sempre um irmão – somos irmãos e dizemos as coisas cara a cara. Mas como irmãos! É bom ver os irmãos discutir: é óptimo, porque pertencem à mesma Mãe, a Mãe Igreja, mas estão um pouco divididos, uns pela herança, outros pela história que os dividiu... Mas devemos andar juntos e procurar trabalhar e caminhar na unidade e pela unidade”.

Não podemos baixar os braços. Igrejas que entrem num verdadeiro processo de conversão ajudam o Advento da Alegria. Preparam o Natal.

[1] Rm 12, 15

[2] Rm 8

[3] Jo 10, 10

IV Domingo do Advento – 19.12.2021

LEITURA I – Miq 5,1-4a

O profeta Miqueias viveu e exerceu o seu ministério em Judá, nos sécs. VIII/VII a.C.. É originário de um meio campesino e conhece bem os problemas dos pequenos agricultores, vítimas de latifundiários sem escrúpulos. Por outro lado, a sua terra natal (Moreset Gat) está rodeada de fortalezas militares; e a presença nessas fortalezas de militares e de funcionários reais faz com que os habitantes dessa região conheçam um quadro de violência, de roubos, de impostos excessivos, de trabalhos forçados... O mais grave é que os opressores consideram que Deus está do seu lado e invocam as grandes tradições religiosas de Israel para justificar a opressão.

O livro de Miqueias começa por descrever (cap. 1-3) os graves pecados de Israel e de Judá sublinhando, sobretudo, os pecados sociais, apresentando-os como infidelidade grave aos compromissos assumidos no

âmbito da “aliança” e denunciando esta “teologia da opressão”. No entanto, o texto que nos é hoje proposto está integrado na segunda parte do livro (que a maior parte dos comentadores admite não vir de Miqueias, mas sim de um profeta anónimo da época do exílio na Babilónia), onde se apresenta um conjunto de oráculos de salvação, destinados a animar a esperança do Povo (cap. 4-5). *In Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Profecia de Miqueias ///
<p>No <u>sublinhado</u> preparar o discurso. Todo o discurso lido com um pouco de expressividade. Lê-se BE-LÊM – É-FRÁ-TÁ. Valorizar o <i>de ti</i>, que se repete! Cuidar das pausas e da sua duração (///).</p>	<p><u>Eis o que diz o Senhor:</u> // <i>«De ti, Belém-Efratá, / pequena entre as cidades de Judá, / de ti sairá aquele que há de reinar sobre Israel. //</i> <i>As suas origens remontam aos tempos de outrora, / aos dias mais antigos. //</i> <i>Por isso Deus os abandonará / até à altura em que der à luz / aquela que há-de ser mãe. //</i> <i>Então voltará para os filhos de Israel / o resto dos seus irmãos. //</i> <i>Ele se levantará para apascentar o seu rebanho / pelo poder do Senhor, / pelo nome glorioso do Senhor, seu Deus. //</i> <i>Viver-se-á em segurança, / porque ele será exaltado até aos confins da terra. //</i> <i>Ele será a paz».</i> ///</p>
Com tom solene e aclamativo, olhando à assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

A reflexão deste texto pode fazer-se de acordo com os seguintes pontos:

- A releitura cristã vê nesta promessa de Deus veiculada por Miqueias uma referência a Jesus, o descendente de David, nascido em Belém. A missão de Jesus não passa, no entanto, pela instauração do trono político de David (um reino que se impõe pela força, pela riqueza, pelas jogadas políticas e diplomáticas), mas sim pela proposta de um reino de paz e de amor no coração dos homens.
- Os cristãos, seguidores de Jesus, são a comunidade que aceitou o convite para integrar esse “reino” de paz e de amor que Jesus veio propor. É esse o “reino” que nos esforçamos por construir? Somos, verdadeiramente, comprometidos com a causa da paz, preocupamo-nos em eliminar tudo aquilo que destrói a vida ou a dignidade de qualquer homem ou qualquer mulher? Como reagimos diante das injustiças, das arbitrariedades, do sofrimento, da miséria: com conformismo e medo, ou com o espírito profético de membros da comunidade do “reino” de Jesus?
- A mensagem deste texto faz-nos constatar, também, a presença contínua de Deus na história humana. Apesar do egoísmo e do pecado dos homens, Deus continua a preocupar-Se connosco, a querer indicar-nos que caminhos percorrer para encontrar a felicidade. A vinda de Cristo, Aquele que é “a Paz”, insere-se nesta dinâmica. *in Dehonianos*

LEITURA II – Heb 10,5-10

A “Carta aos Hebreus” é um texto anónimo, escrito, provavelmente, pouco antes do ano 70 e destinado a uma comunidade cristã constituída maioritariamente por cristãos vindos do judaísmo. É uma comunidade que já não é de fundação recente e onde o entusiasmo inicial parece ter dado lugar a uma fé “morninha” e pouco comprometida; a perspectiva de novas dificuldades provoca o desânimo; e começa a haver um real perigo de desvios doutrinários.

A “carta” é uma apresentação do mistério de Cristo, sublinhando especialmente a dimensão sacerdotal da sua missão. Recorrendo à linguagem litúrgica judaica, o autor apresenta Jesus como o “sumo sacerdote” da nova “aliança”, que faz a mediação entre Deus e os homens. Na sequência, o autor aproveita para refletir sobre a condição cristã que deriva da missão sacerdotal de Cristo: os crentes, postos em relação com o Pai por Cristo

sacerdote, são inseridos nesse Povo sacerdotal que é a comunidade cristã e devem fazer da sua vida um contínuo sacrifício de louvor, de ação de graças e de amor.

O texto que nos é proposto pertence à terceira parte da carta (Heb 5,11-10,39). Aí, o autor reflete sobre os traços primordiais do sacerdócio de Cristo. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Epístola aos Hebreus !!!
Hebreus: Ler 'Ébreus'.	
Ler exortativamente Irmãos. Ler o <i>itálico</i> em tom diferente. No <u>disse</u> preparar o discurso.	Irmãos: // <i>Ao entrar no mundo, Cristo disse: //</i> <i>«Não quiseste sacrificio nem oblações, /</i> <i>mas formaste-Me um corpo. //</i> <i>Não Te agradaram holocaustos /</i> <i>nem imolações pelo pecado. //</i> <i>Então Eu disse: 'Eis-Me aqui; //</i> <i>no livro sagrado está escrito a meu respeito: /</i> <i>Eu venho, ó Deus, para fazer a tua vontade'».</i> !!!
Ler todo o texto num tom mais coloquial.	
Ler de modo distinto o negrito .	
Ler o <i>itálico</i> em tom coloquial.	Primeiro disse: <i>«Não quiseste sacrificios nem oblações, /</i> <i>não Te agradaram holocaustos /</i> <i>nem imolações pelo pecado».</i> //
Ler o <u>sublinhado</u> em tom diferente. Ler o <i>itálico</i> em tom coloquial.	<u>E no entanto</u> , eles são oferecidos segundo a Lei. // Depois acrescenta: <i>«Eis-Me aqui: //</i> <i>Eu venho para fazer a tua vontade».</i> // Assim aboliu o primeiro culto / para estabelecer o segundo. // É em virtude dessa vontade / que nós fomos santificados / pela oblação do corpo de Jesus Cristo, / feita de uma vez para sempre. !!!
Lê-se Ó-BLÁ-ÇÃO .	
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

A reflexão pode tocar, entre outros, os seguintes pontos:

- A encarnação de Jesus e o seu “eis-Me aqui, Pai” correspondem ao projeto de Deus de aproximar os homens de Si, de estabelecer com eles uma relação de filiação e de amor. Nestes dias em que preparamos o Natal, somos convidados a contemplar a ação de um Deus que ama de tal forma os homens que envia ao nosso encontro o Filho, a fim de nos conduzir à comunhão com Ele.

- O encontro com Deus não é feito a partir de rituais externos (as prendas, a comida, os cânticos, as procissões, as orações, as liturgias solenes, o incenso, os paramentos sumptuosos), mas é feito a partir de Cristo, o Filho que entrega a vida, a fim de que o projeto do Pai se torne presente na vida dos homens e de que os homens, aprendendo o amor e a entrega total, aceitem tornar-se “filhos de Deus”.

- O encontro com Cristo significa aprender com Ele a obediência e a disponibilidade ao projeto de Deus. Como nos situamos, diante desta proposta: contam mais os nossos interesses pessoais (ainda que legítimos), ou o projeto de Deus? *In Dehonianos*

MISSA DE NATAL – MISSA DO DIA

LEITURA I – Is 52,7-10

O Deutero-Isaías, autor deste texto, é um profeta que exerce a sua missão entre os exilados da Babilónia, procurando consolar e manter acesa a esperança no meio de um povo desiludido e decepcionado, porque a libertação tarda. Os capítulos que recolhem a sua mensagem (Is 40-55) chamam-se, por isso, “Livro da Consolação”.

Este texto está integrado na segunda parte do “Livro da Consolação” (Is 49-55). Aí, o profeta (que na

primeira parte – Is 40-48 – havia, sobretudo, anunciado a libertação do cativo e um “novo êxodo” do Povo de Deus, rumo à Terra Prometida) fala da reconstrução e da restauração de Jerusalém. O profeta garante que Deus não Se esqueceu da sua cidade em ruínas e vai voltar a fazer dela uma cidade bela e cheia de vida, como uma noiva em dia de casamento. É neste quadro que podemos situar a primeira leitura de hoje. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura do Livro de Isaías ///
Ler em tom exultativo estas frases, terminando com afirmação a negrito . Especial atenção às pausas. A expressão assinalada deve ser lida em tom diferente. Esta expressão deve ser lida como quem chama (<i>Ó ruínas de Jerusalém</i>). Ler convictamente os <u>sublinhados</u> . Ler, convictamente, a última frase.	Como são belos sobre os montes / os pés do mensageiro que anuncia a paz, / que traz a boa nova, / que proclama a salvação / e diz a Sião: « O teu Deus é Rei ». //
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Eis o grito das tuas sentinelas que levantam a voz. // Todas juntas soltam brados de alegria, / porque veem <i>com os próprios olhos</i> / o Senhor que volta para Sião. / Rompei todas em brados de alegria, <i>ruínas de Jerusalém</i> , / porque o Senhor <u>consola o seu povo</u> , / <u>resgata Jerusalém</u> . / O Senhor descobre o seu santo braço à vista de todas as nações / e todos os confins da terra verão a salvação do nosso Deus . ///
	Palavra do Senhor

A reflexão deste texto profético poderá fazer-se a partir dos seguintes elementos:

A alegria pela libertação do cativo da Babilónia e pela “salvação” que Deus oferece ao seu Povo e à sua cidade anuncia essa outra libertação, plena e total, que Deus vai oferecer ao seu Povo através de Jesus. O nascimento de Jesus – o Deus que veio ao encontro do seu Povo e da sua cidade com uma proposta de salvação – diz-nos que a opressão terminou e que o “reinado de Deus” alcançou a nossa história.

A alegria contagiante das sentinelas e os brados de contentamento das próprias pedras da cidade convidam-nos a acolher na alegria o Deus que veio visitar-nos: com a sua presença no meio de nós, começa a concretizar-se essa libertação plena prometida por Deus. É essa alegria que nos anima?

As sentinelas atentas que, nas montanhas em redor de Jerusalém, identificam a chegada do Deus libertador são um modelo para nós: convidam-nos a ler, atentamente, os sinais e a anunciar ao mundo a chegada de Jesus. Somos sentinelas atentas que descobrem os sinais do Senhor nos caminhos da história e anunciam o seu “reinado”? *in Dehonianos*

Missa de Natal – Missa do Dia

LEITURA II – Heb 1,1-6

A “Carta aos Hebreus” é um sermão, mais do que uma carta, onde um autor anónimo procura voltar a despertar a fé da comunidade crente, afetada pela falta de entusiasmo, pelas dificuldades e pelas doutrinas heréticas. Destinado a uma comunidade cristã constituída maioritariamente por cristãos vindos do judaísmo, utiliza a linguagem litúrgica judaica para apresentar Jesus: Ele é, fundamentalmente, o “sumo-sacerdote” da Nova Aliança, Aquele que veio ao mundo para realizar a comunhão definitiva entre Deus e os homens.

O texto que nos é proposto como primeira leitura pertence ao prólogo do sermão. Nesse prólogo, o pregador apresenta-nos uma visão global, uma orientação e as coordenadas fundamentais que vai desenvolver ao longo do sermão. *in Dehonianos*

Depois de estar garantida a atenção da assembleia, lê-se o título do texto	Leitura da Epístola aos Hebreus ///
Globalmente, fazer uma leitura serena. Ler 'êbreus'. Em tom diferente o <i>itálico</i> . Em tom diferente o <i>itálico</i> . Ler expressivamente a frase.	Muitas vezes e de muitos modos / falou Deus antigamente aos nossos pais, <i>pelos Profetas</i> . //
Ler em tom diferente o <i>itálico</i> , preparando o que vem a seguir.	Nestes dias, <i>que são os últimos</i> , / falou-nos por seu Filho , / a quem fez herdeiro de todas as coisas / e pelo qual também criou o universo. / Sendo o Filho esplendor da sua glória / e imagem da sua substância, / tudo sustenta com a sua palavra poderosa. //
Ler em tom diferente o <i>itálico</i> . Fazer bem as <u>interrogações</u> . Ler em tom diferente o <i>itálico</i> .	<i>Depois de ter realizado a purificação dos pecados</i> , / sentou-Se à direita da Majestade no alto dos Céus / e ficou tanto acima dos Anjos / quanto mais sublime que o deles / é o nome que recebeu em herança. //
Ao concluir, de modo expressivo, ler a frase.	A qual dos Anjos, <i>com efeito</i> , disse Deus alguma vez: / <u>«Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei»?</u> / E ainda: <u>«Eu serei para Ele um Pai e Ele será para Mim um Filho»?</u> / E de novo, / <i>quando introduziu no mundo o seu primogénito</i> , disse: / «Adorem-n'O todos os Anjos de Deus» . ///
Com tom solene e aclamativo, olhando a assembleia, convidando-a a responder.	Palavra do Senhor

Na reflexão e atualização da Palavra, convém ter em conta os seguintes elementos:

Celebrar o nascimento de Jesus é, em primeiro lugar, contemplar o amor de um Deus que rompeu as distâncias e veio ao encontro do homem, apesar da infidelidade e das recusas do homem. No dia de Natal, nunca será demais insistir nisto: o Deus em quem acreditamos é o Deus do amor e da relação, que continua a nascer no mundo, a apostar no homem, a querer dialogar com ele, a encontrar-Se com ele, e que não desiste de um projeto de felicidade para o homem que criou.

Jesus Cristo é a Palavra viva e definitiva de Deus, que revela aos homens o caminho da salvação. Celebrar o seu nascimento é acolher essa Palavra. “Escutar” essa Palavra é acolher o projeto que Jesus veio apresentar-nos e fazer dela a nossa referência, o critério fundamental que orienta as nossas opções. A Palavra viva de Deus (Jesus) é, de facto, a nossa referência e orienta as nossas opções? Os valores do Evangelho são os nossos valores? É preciso escutar essa Palavra viva e ver nela a Palavra perfeita, plena e definitiva com que Deus nos diz que caminho percorrer. *in Dehonianos*